

Entrevista:

O CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ (UM RECORTE TEMÁTICO): ENTREVISTA COM O PROFESSOR WERBER PEREIRA MORENO

Data de recebimento: 30/06/2026

Data de publicação: 30/07/2026

Werber Pereira Moreno¹

Maria Talya Araújo Vasconcelos²

Resumo:

Trata-se de uma entrevista realizada em abril de 2024 com o professor Werber Pereira Moreno, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), desde 1998. Na entrevista, são abordados temas relacionados à formação acadêmica do professor, bem como a aspectos de sua atuação profissional na área de Ciência Política. Além disto, ressaltam-se elementos relativos às disciplinas ministradas por ele, no decorrer dos últimos 26 anos, como também à história do Curso de Ciências Sociais da UVA.

Palavras-chave: Curso de Ciências Sociais da UVA; área de Ciência Política; temas discutidos nas disciplinas.

Resumen:

Esta es una entrevista realizada en abril de 2024 con el profesor Werber Pereira Moreno, de la Universidad Estatal Vale do Acaraú (UVA), desde 1998. En la entrevista se discuten temas relacionados con la formación académica del profesor, así como aspectos de su desempeño profesional en el área de Ciencia de Política. Además, se destacan elementos relacionados con las materias impartidas por él a lo largo de los últimos 26 años, así como la historia de la Carrera de Ciencias Sociales de la UVA.

Palabras-clave: Carrera de Ciencias Sociales de la UVA; área Ciencia de Política; temas tratados en las materias.

Werber Pereira Moreno é professor de Ciência Política na Universidade Estadual Vale do Acaraú. Possui doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2021), mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (1997), graduação em História (1992) e

¹ Doutor em Educação pela UFC. Professor da área de Ciência Política do curso de Ciências Sociais e professor permanente do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) – Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA). <https://orcid.org/0009-0008-9866-4417> E-mail: werbermoreno1208@yahoo.com.br

² Graduada em Ciências Sociais (licenciatura) pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA). E-mail: araujotalya70@gmail.com

graduação em Letras pela mesma universidade (1986). Tem experiência nas áreas de Ciência Política e Sociologia. Na área de Ciência Política, tem seu foco voltado para a Teoria Política, bem como para temas relacionados ao pensamento político brasileiro, à teoria dos partidos políticos e à ideologia política. Na área de Sociologia, destina sua atenção à Sociologia do Trabalho.

Talya Araújo: Boa noite, professor Werber, gostaria de saber como foi a sua formação acadêmica, quando você ingressou no Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú e como tem sido a tua participação no Curso?

Werber Moreno: Minha formação, como eu costumo dizer, é um samba de várias notas. Eu tenho uma formação bastante diferenciada dos colegas aqui do Curso, os professores, que basicamente são todos egressos de cursos de graduação em Ciências Sociais. Eu, ao contrário, comecei a minha vida acadêmica, a minha vida universitária, fazendo um curso de Farmácia, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no ano de 1980. Abandonei esse Curso no final de 1981, porque não me identifiquei. No final de 1981, prestei vestibular para o Curso de Letras, Letras Clássicas e Vernáculas. Fiz este Curso durante quatro anos (1982-1986), na modalidade licenciatura, com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Com esta formação, prestei um concurso em 1988 e me tornei professor da Educação Básica, na cidade de João Pessoa (PB). Em 1989, comecei a cursar História (Também na UFPB). Eu também tenho licenciatura em História. Era um desejo antigo desde a época em que entrei na 5ª série do Primeiro Grau (Equivalência ao 6º ano do Ensino Fundamental). Gostava muito da área de História e acabei cursando História, já depois de ter me graduado em Letras.

Continuando com a minha formação, fiz um mestrado na área das Ciências Sociais (1994-1997), esse mestrado foi feito na Universidade Federal da Paraíba, numa área de concentração chamada Política e Trabalho no Brasil. Ainda hoje tenho uma identificação grande com temas relacionados à política e ao trabalho. Minha área de trabalho aqui é política, mas também trabalho com a temática do trabalho. Já ministrei várias vezes aqui, em caráter optativo, uma disciplina chamada Sociologia do Trabalho.

O doutorado fiz tardiamente. Há um hiato muito pronunciado entre o meu mestrado e o meu doutorado. Fiz o doutorado na área de Educação, na UFC. A minha tese, que foca na BNCC, transformei-a em um livro que publiquei em 2023 (Moreno, 2023). Vim para Sobral para ministrar aulas no Curso de História. Não havia aqui o Curso de Ciências Sociais. No Curso de História, ministrei várias disciplinas: História do Brasil I, II, III, que era o que havia na matriz curricular da época.

Ministrei também História Moderna e História Contemporânea, basicamente isso, nos anos de 1997 e 1998. Vim como bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Não foi concurso, nem seleção para professor temporário, era uma bolsa da FUNCAP para professores e pesquisadores. No ano seguinte (1998), houve um concurso no começo do primeiro semestre (mais especificamente no mês de março). Prestei esse concurso para a área de Ciência Política, do Curso de Ciências Sociais. Gostaria de abrir aqui um parêntese e dizer o seguinte: esse Curso foi criado em substituição ao Curso de Estudos Sociais (um curso anterior, que existiu aqui na UVA durante muitos anos. Foi um Curso formalizado em todo o Brasil na época da Ditadura Militar, pela Lei nº 5.692/71, embora as tentativas de implantá-lo remontem aos anos 1920. Ele tinha como objetivo esvaziar a área das Ciências Humanas e Sociais e fundir conhecimentos de História, Geografia e OSPB - Organização Social e Política do Brasil - um verdadeiro pandemônio ideológico). Quando eu cheguei, no segundo semestre de 1997, já havia uma discussão para a formação, para a criação do Curso de Ciências Sociais. O Curso de Ciências Sociais da UVA é o quarto curso da área a ser criado no estado do Ceará e o primeiro do interior do estado. Havia o curso da UFC, da Universidade Federal do Ceará, criado em 1968. O Departamento de Ciências Sociais e Filosofia foi criado em 1968, no contexto da Ditadura Militar. E esse curso foi também uma mescla. Havia professores da área de Direito, da área de História, da área de Filosofia, e eles acabaram se juntando e criando o departamento, esse departamento que eu mencionei de Filosofia e Ciências Sociais, e na sequência montaram o Curso, com base naquele tripé, que é convencional: Antropologia, Ciência Política e Sociologia. Quase todos os cursos de Ciências Sociais seguem esse padrão. Havia também o curso da Universidade Estadual do Ceará (UECE), implantado em 1989. Prestei concurso para a UVA em março de 1998. O primeiro vestibular para o Curso de Ciências Sociais tinha acontecido em janeiro daquele ano. Eu fiz parte dos primeiros momentos. Ainda lembro que a primeira atividade acadêmica dentro do Curso se deu aqui no campus do Junco, como é conhecido. Um minicurso durante uma semana, administrado pela professora Luitigarde Oliveira Cavalcanti Barros, antropóloga, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ela veio para cá, fez uma temporada aqui, passou por aqui, ministrou um minicurso na área de Antropologia, evidentemente, depois retornou para o Rio de Janeiro. E o Curso teve sequência. Os nossos currículos naquele período de 1998.1, que são os nossos primeiros currículos do bacharelado e da licenciatura, as nossas duas primeiras matrizes curriculares, elas eram completamente diferentes do que são hoje em dia. Nós já passamos por três grandes reformas curriculares nas duas modalidades do curso³.

³ Para mais detalhes sobre as reformas curriculares, a história do Curso e da Universidade, conferir o artigo de Freitas, Forte, Freitas e Moreno (2026) intitulado Ciências Sociais da UEVA: história do pensar, agir e transformar, integrante do Dossiê Especial: 25+ do Curso de Ciências Sociais da UEVA, publicado nesta mesma edição da revista *Homem*,

A minha participação tem sido, desde o início, de colaborar com a formação dos alunos da graduação. Já ministrei quase todas as disciplinas da área, notadamente as obrigatórias. Esporadicamente, ministrei disciplinas optativas: Pensamento Político Brasileiro (antes de 2011), pois depois da reforma curricular de 2010, este componente dos currículos do bacharelado e da licenciatura transformou-se em disciplina obrigatória; Partidos Políticos; Partidos Políticos e Sistemas Partidários; Ideologia, Poder e Classes Sociais e, na área de Sociologia, já ministrei, em caráter optativo, Sociologia do Trabalho. Quero acrescentar que fui coordenador deste Curso por dois anos: entre 2009 e 2011. Participei, em várias oportunidades, de bancas de concurso e de seleção de professores da área. Tenho colaborado com colegas, na condição de membro de comissões examinadoras de trabalhos de conclusão de curso de pós-graduação e de graduação. Orientei e oriento trabalhos de TCC de ambas as modalidades, bacharelado e licenciatura. Nas *Semanas de Ciências Sociais*, promovidas pelo Curso, a partir da iniciativa dos estudantes, ministrei minicursos. Participei de mesas redondas sobre alguns temas (Eleições, trabalho, intelectuais públicos etc.).

Talya Araújo: Professor Werber, como surgiu o Curso de Ciências Sociais da UVA?

Werber Moreno: De um certo modo eu já avancei um pouco nessa questão que você me faz. Talvez eu precise especificar um pouco mais. Havia o Curso de Ciências Sociais da UFC, de 1968. A UECE também tinha um curso de Ciências Sociais, de 1989, como já informei. E o Curso de Ciências Sociais da URCA, da Universidade Regional do Cariri, mas ele é posterior ao nosso, de 2005. O nosso é de 1998. São oito anos de diferença entre o nosso Curso e o da URCA. O nosso surgiu por conta de uma demanda. Não frisei no primeiro momento, mas havia um debate chamado de “Debates Impertinentes”, aqui na cidade de Sobral. Na verdade, as pessoas seguiram um pouco, copiaram um pouco o modelo lá da Universidade de São Paulo (USP), que fazia os debates impertinentes, para discutir a problemática da negritude, a problemática feminina, os problemas de saúde, os problemas de desemprego e de vários temas. Sobral era uma cidade emergente quando este Curso estava começando. Tanto isso é verdade que na primeira versão dos currículos das duas modalidades, havia uma diferenciação que o aluno, a partir do sexto período, ou seguia para o bacharelado ou seguia para a licenciatura. Havia uma formação comum em boa parte do Curso. Aqueles que seguiam a licenciatura, acabavam fazendo Didática, Psicologia da Educação, pouca coisa, e havia também duas práticas de ensino, Prática de Ensino em Ciências Sociais I e Prática de

Espaço e Tempo.

Ensino em Ciências Sociais II. Muitos professores aqui, que são sociólogos, que são licenciados em Ciências Sociais, ministravam as disciplinas destinadas à prática de ensino dos estudantes.

Isto funcionou, de certo modo, até a reforma curricular de 2006, a partir da qual foram elaborados dois projetos pedagógicos distintos, um para a licenciatura e outro para o bacharelado, com as matrizes curriculares de 2006.¹ A coisa era meio complexa nesse sentido, com diferentes fluxos curriculares funcionando ao mesmo tempo. Mas o que chamava a atenção nas matrizes de 1998.¹ eram duas disciplinas que nós chamávamos de “optatórias” (este neologismo até hoje não foi registrado), porque elas não eram necessariamente optativas e não eram necessariamente obrigatórias. Explico: os estudantes que decidiam fazer o bacharelado eram obrigados a cursar Estado e Políticas Públicas ou Movimentos Sociais no Brasil. O Curso procurava atender a uma demanda da chamada região norte, para além da região noroeste do Ceará, onde Sobral está encravada. Havia muita demanda da área de saúde, da área dos movimentos sociais, havia uma luta pela terra. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) com uma inserção aqui nas proximidades. Isso levou a alguns trabalhos dos estudantes nessas áreas: saúde, movimentos sociais, políticas públicas. Houve também um trabalho em uma subárea de intersecção entre religiosidade popular e saúde. O primeiro aluno de bacharelado que defendeu a monografia, defendeu nessa subárea. Ele trabalhou, vamos dizer assim, com um problema da Secretaria de Saúde do Município de Sobral, que na época tinha um secretário chamado Odorico Monteiro, um médico. O Curso buscou atender a essa demanda, dessas questões, e esse aluno, chamado Fernando Antônio Cavalcante Dias (eu fiz parte da banca de conclusão de curso dele) fez uma monografia tratando do papel de pais e mães de santo (Sacerdotes principais de terreiros de umbanda aqui de Sobral) no convencimento das pessoas que frequentavam esses templos a tomarem os cuidados necessários com a transmissão do vírus HIV). O orientador do trabalho foi o professor Nilson Almino de Freitas. A banca foi composta pelo orientador, pela professora Terezinha Alencar e por mim. A professora Terezinha, da área de Antropologia, havia sido professora da UFC. Era pró-reitora adjunta de pós-graduação e pesquisa da UVA. Então, é nesse sentido que o Curso começa. Depois, houve uma diversificação. Houve uma pesquisa com o serviço de mototáxi que estava começando aqui. Houve quem pesquisasse isso aqui por conta do Curso de Ciências Sociais. O professor Cláudio Zanutelli, capixaba, ele hoje é professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), foi colega nosso aqui, foi diretor do Centro (CCH), e essa pesquisa inclusive foi encabeçada por ele, essa do setor de mototáxi, a questão dos acidentes que eram muito grandes. Ele ia para a Santa Casa, daqui de Sobral, para o hospital, fazer entrevistas, levantar informações com pessoas acidentadas ou parentes delas.

Por outro lado, nunca deixamos de ter problemas: a precariedade da infraestrutura, a falta de professores etc. A estrutura do *campus* era terrível: havia a Vilinha (aquelas três salas do meio). Depois, construíram duas salas ligadas ao prédio onde hoje funciona a prefeitura. O bloco de salas de aula que ficou para as Ciências Sociais (este em que estamos), só foi construído depois (em 2001). Eis um resumo da história deste Curso.

Talya Araújo: Professor, qual era a posição do Curso de Ciências Sociais no quadro das Ciências Sociais no estado do Ceará?

Werber Moreno: Nós não podemos dizer que vivíamos um isolamento. Embora sejamos um Curso que funciona em uma cidade do interior do Ceará, com pouquíssimas livrarias, com problemas de deslocamento dos estudantes (agora bem menos, por conta do VLT de Sobral e de algumas linhas de ônibus que só funcionam até o início da noite. Antes era apenas o serviço de mototáxi). Não podemos falar de um isolamento porque grande parte dos professores vinha e vem da capital. Esses professores estabeleciam e estabelecem contatos com colegas de outras instituições. O Curso se constitui, ainda hoje, basicamente, por professores oriundos de Fortaleza e de outras cidades do Brasil. No início, a professora Isaurora Cláudia Martins de Freitas, o professor Nilson Almino de Freitas, o professor Francisco Alencar Mota, todos provenientes de Fortaleza. Havia também o professor José Osmar Fonteles (este, era prata da casa), sem esquecer o professor Benedito Genésio Ferreira (aposentado pela UFC), aqui do Ceará, professor colaborador do Curso. A professora Ivaldinete de Araújo Delmiro Gêmes e a professora Sandra Dahia vieram da Paraíba, como também a professora Simone Carneiro Maldonado (esta, já aposentada pela UFPB, veio como professora visitante) que colaborou com a área de Antropologia. Depois do concurso de 1998, entramos os professores Alexandre Fleming Câmara Vale, a professora Regina Celi Fonseca Raick e eu. Boa parte dos professores temporários veio de Fortaleza. É o caso da professora Jânia Perla Diógenes de Aquino, do professor Delano Pessoa Carneiro Barbosa, dos professores Adeive Derquian de Oliveira Santos, do professor Joannes Paulus Silva Forte, além de outros. Entre os temporários, tivemos a presença das professoras Maria Isabel Silva Bezerra Linhares e Cláudia dos Santos Costa (estas, aqui de Sobral). No concurso de 2002, foram aprovadas as professoras Ivaldinete Delmiro e Diocleide Lima Ferreira (ambas também haviam sido temporárias), tendo tomado posse em 2003. Quero destacar a presença da professora Simone Simões Ferreira Soares (ela veio como professora visitante, pois era professora do Curso de Ciências Sociais da UFC) que ficou aqui, pelo menos, por três semestres, trabalhando na área de Antropologia.

A vinda de professores de fora deve-se a fatores como a formação deles em nível de pós-graduação (mestrado e doutorado) e à crise de empregabilidade que ocorre no Brasil, há alguns anos. O professor termina o doutorado e fica desempregado ou dando aulas em pequenas faculdades privadas, sem estabilidade no emprego. O professor Rodrigo Chaves de Mello Rodrigues de Carvalho, aqui da Ciência Política, veio de Minas Gerais. Outros estão vindo de outros lugares: de Fortaleza, o professor Vinícius Limaverde Forte, a professora Marina Leitão Mesquita, a professora Daniele Costa da Silva, os professores Joannes Paulus Silva Forte, Jorge Luan Rodrigues Teixeira, Marcus Flávio Alexandre da Silva e Marcos Paulo Campos Cavalcanti de Mello. Também merece destaque a professora Rosângela Duarte Pimenta (aprovada no concurso de 2010 para área de Ensino de Sociologia). Agora mesmo, os professores temporários que entraram no primeiro semestre de 2024, professores de Antropologia, de Ensino de Sociologia e de Ciência Política, já têm uma certa estrada no mundo da precarização do trabalho.

Talya Araújo: Professor Werber, como era e como tem sido a presença da Ciência Política no Curso de Ciências Sociais da UVA?

Werber Moreno: No início, eu era o único professor e havia uma dificuldade muito grande de cobrir todas as disciplinas da área. Era uma posição secundária; os alunos não me procuravam muito para a orientação de trabalhos. Porque assim, a bem da verdade, o Curso era e ainda é formado, em grande parte, por sociólogos. Então, lá no início já eram vários sociólogos. E eu, que não sendo cientista político, acabei enfrentando a tarefa de administrar as disciplinas da área. Depois da entrada da professora Ivaldinete, que ainda era temporária no ano 2000, aliviou um pouco. A professora Val, como ela é conhecida, pegava, às vezes, a disciplina de Introdução à Ciência Política, que havia nos primeiros currículos do bacharelado e da licenciatura, e, às vezes, alternava comigo algumas outras. Apareceram outros professores que, embora temporários, pegavam, às vezes, uma disciplina ou outra, uma optativa, aqui e ali e tal, mas, assim, sempre o peso da área ficou para mim, e eram cursos de natureza teórica, embora eu tenha me aventurado algumas vezes a ministrar disciplinas optativas, como: Partidos Políticos; Ideologia, Poder e Classes Sociais; Sistemas Partidários e Sistemas Eleitorais, coisas desse tipo. Isso rendeu alguns trabalhos de conclusão de curso dos bacharelados. Algumas estudantes fizeram trabalhos comigo, não necessariamente na área de Ciência Política, mas alguns priorizaram a área de Ciência Política, fazendo trabalhos sobre eleições. Eu falei disso também em outro momento, desta entrevista. Os currículos (bacharelado e licenciatura) de 1998.¹ eram diferentes dos currículos de 2024.¹ As disciplinas eram divididas em quatro disciplinas obrigatórias: Introdução à Ciência Política, Teoria

Política I, Teoria Política II, Teoria Política III. E essas optativas que eu mencionei. Muito depois, nós começamos a ministrar, digo, os professores da área de Ciência Política, a disciplina Pensamento Político Brasileiro, em caráter optativo. Ela entrou em caráter optativo e se transformou em disciplina obrigatória nos currículos de 2011.1. O pessoal que está fazendo o Curso, ainda pautado pelos currículos de 2011.1, está cursando essa disciplina como obrigatória. E ela também figura nas matrizes curriculares que entraram em vigor a partir de 2024.1. Para os alunos do quinto período. A posição era difícil. Eu era o único professor no começo, depois éramos dois, os colegas professores eram sociólogos. Havia professores que eram antropólogos de formação, mas a professora Regina Raick, já mencionada por mim, que também foi coordenadora do Curso, tem uma formação em Antropologia feita na Universidade de Brasília (UnB). Então, ela pegou disciplinas da área de Antropologia. Porém, verdadeiramente, o Curso deu um salto mais importante quando as professoras Simone Maldonado e Simone Simões, a primeira veio de João Pessoa, da UFPB, e a segunda de Fortaleza, da UFC, deram um incremento mais importante. Houve também aqui a passagem de uma antropóloga húngara, a professora Éva Sébastyén, que atualmente atua no Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, em Portugal. Ela ministrou aqui um semestre, pelo menos, como professora visitante, na disciplina Antropologia III, além das disciplinas optativas de Tópicos Especiais em Antropologia I (Estudos Africanos) e Antropologia da Saúde. Ela colocou os alunos da época para fazerem pesquisas de campo, aqui, na cidade de Sobral. Pesquisas em terreiros de Umbanda. Voltando à problemática da Ciência Política, a área funcionava dessa forma, com todos os problemas, e apesar da minha não formação na área exclusiva, sempre me esforcei para trabalhar com todas as disciplinas, sobretudo as obrigatórias. Utilizando os conceitos principais, observando programas, livros adotados em outras universidades, notadamente nas universidades mais importantes do país, como a USP, a própria UNB, e vai por aí fora. Então, é isso. Era uma posição que eu diria complexa. O desdobramento da tua pergunta é nesse sentido. Há uma melhora com o aporte de outros professores que chegaram. Até mais recentemente, no concurso de 2015, chegaram alguns professores que tomaram posse em 2016. Eu tenho a impressão de que eles têm um pendor maior para a pesquisa. Embora a pesquisa aqui tenha sido difícil, eu mesmo já tentei algumas vezes, e não só na Ciência Política, mas também na Sociologia do Trabalho (outra disciplina que ministrei), mas as dificuldades são muito grandes, totalmente por conta do acesso às informações, aos lugares, à carência de livros na biblioteca setorial do Centro de Ciências Humanas (CCH). Ainda assim, alguns trabalhos têm sido realizados. Isto é o que eu tenho a dizer, neste momento, com relação à área. Há outros colegas. O professor Rodrigo Mello está atuando aqui também. Ele entrou no concurso de 2015, atuando desde 2016. E tem feito aí uns trabalhos, está orientando pessoas que eu vejo. Um pouco diferente do meu campo de atuação, da minha linha

teórica, mas é uma contribuição para o Curso. A presença da Ciência Política, de modo geral, no Curso é isso. Ela é um dos elementos constituintes do tripé de formação de todo e qualquer curso de Ciências Sociais, notadamente em nível de graduação no Brasil. Esse tripé é formado pela Antropologia, pela Ciência Política e pela Sociologia. No momento, os cursos seguem esse modelo de estruturação. Então ficamos assim, com essa resposta, neste momento.

Talya Araújo: Professor, ainda sobre a Ciência Política. Qual tem sido o conteúdo ministrado nas disciplinas que compõem a área de Ciência Política, considerando as reformas curriculares do Curso de Ciências Sociais da UVA?

Werber Moreno: Como nós já começamos a falar dessa temática, a Ciência Política, assim como as outras áreas, Antropologia e Sociologia, elas sofreram algumas adaptações no decorrer desses 26 anos do Curso. O Curso começou em 1998. Como nós estamos em 2024, ele completou 26 anos agora, neste ano, mais propriamente no mês de fevereiro. Assim, a Ciência Política naquela época, na sua primeira formulação, vamos dizer assim, estava dividida em quatro disciplinas, quatro componentes curriculares, se nós quisermos, em que funcionava a Introdução à Ciência Política. Basicamente, era um curso voltado para aspectos de natureza conceitual. Nós discutíamos o conceito de política, conceito de poder, de partidos políticos, de opinião pública, de sistemas partidários e eleitorais, de ideologia etc. Eram estes os temas que trabalhávamos. Essas temáticas estavam presentes nessa disciplina denominada Introdução à Ciência Política.

Por sua vez, a Teoria Política I, como era denominada na época, ela contemplava, basicamente, os clássicos, os clássicos antigos. Leia-se gregos: Platão, Aristóteles, basicamente esses dois autores. Depois, eu acrescentei Políbio a esse elenco.

Trabalhávamos com um pensamento político considerado moderno. Aí entrava Maquiavel, entravam os contratualistas mais conhecidos: Hobbes, Locke, Rousseau.

Havia uma ligeira discussão sobre Hegel e terminávamos com uma discussão sobre Karl Marx. Era assim que a Teoria Política I funcionava. A Teoria Política II versava sobre um pouco da teoria das elites, isso ainda hoje funciona, teorias democráticas e uma versão um tanto rápida de um marxismo do século XX, onde nós abordávamos Lenin, Gramsci, trabalhávamos com autores como Ralph Miliband, e com Nicos Poulantzas, um autor grego, radicado na França.

Trabalhávamos basicamente com isso. A Teoria Política III serviu de embrião para aquilo que mais tarde se constituiu como uma disciplina chamada Pensamento Político Brasileiro, que, como eu sinalizei anteriormente, acabou funcionando como disciplina optativa, durante muitos anos. Ela cobria, basicamente, a formação do Estado no Brasil (nela, o professor se debruçava sobre o período

imperial, o período republicano, a formação das instituições. Autores importantes no período imperial do Brasil, como o Visconde do Uruguai, como Tavares Bastos, que são autores que discutem a problemática da centralização e da descentralização do Estado brasileiro no século XIX. Autores desse tipo. Joaquim Nabuco também era um autor que era discutido nesse período. Mormente a questão do abolicionismo. Na parte republicana, trabalhávamos com a problemática da 1ª Constituição da República, como é que ela se constituiu, toda a discussão sobre o ideário dessa República, sobre os princípios, as ideologias, a problemática do liberalismo, a problemática do positivismo, a problemática do jacobinismo. Essa é uma herança da Revolução Francesa e, de um certo modo, se faz presente, pelo menos na imprensa e na tinta de alguns autores, aqui do Brasil. Isso tudo é retratado em um livro chamado *A Formação das Almas*, de José Murilo de Carvalho (Carvalho, 1990). Um autor importante para o pensamento político brasileiro.

Trabalhávamos a problemática dos anos 1920, com o seu ápice nos anos 1930, na chamada Revolução de 1930. Temas como o tenentismo, as oligarquias, o coronelismo, eram trabalhados nessa disciplina. A partir dos anos 30, nós discutimos os problemas do Estado, o processo de democratização do Brasil (uma democracia extremamente limitada), a partir de 1946, a problemática do golpe de 64, do golpe de Estado e seus desdobramentos. Entrávamos no degelo da Ditadura, na luta pela redemocratização, a partir dos anos 80, principalmente as discussões que ainda traziam uma informação dos anos 70, como as de Fernando Henrique Cardoso, com um livro intitulado *Autoritarismo e democratização* (Cardoso, 1975). Discutíamos também a visão de Francisco Weffort sobre a democracia (O livro dele é: *Por que democracia?*) (Weffort, 1984). Havia um texto fundamental, de Carlos Nelson Coutinho, *A democracia como valor universal* (Coutinho, 1980). Eu sempre fazia três abordagens. Colocava um liberal, um social-democrata e um socialista/comunista. Ficava mais ou menos assim, essa discussão em relação à questão da democracia. Puxávamos um pouco a discussão para movimentos populares, sociais. E isso durou até 2003. Depois houve ligeira modificação nessas disciplinas.

Era eu que mexia nas ementas. E aí, a visão clássica foi completamente transformada, a partir dos currículos de 2011.1. Este é o padrão que ainda hoje funciona, que está em vigência, no Curso, para a maioria das turmas. Com a reforma de 2010, que deu origem as matrizes curriculares de 2011.1, entraram autores que pensam a Idade Média, como Santo Agostinho, Tomás de Aquino. Cícero também entrou, ao lado de Políbio, para a análise de Roma republicana (no mundo antigo). A Ciência Política II incorporou boa parte do que estava na Teoria Política I do passado. Ela começa com Maquiavel. Houve um acréscimo: o Maquiavel republicano. Aquele dos *Comentários* sobre a primeira década de Tito Lívio (Maquiavel, 1994). Trabalhamos com Montesquieu, trabalhamos com O Federalista norte-americano, trabalhamos com esses autores. Às vezes, Benjamin Constant, às

vezes, Edmund Burke, mas, do século XIX, principalmente Tocqueville (Alexis) e Marx (Karl), que fecham a disciplina. A Ciência Política III, enfoca as teorias elitistas, as teorias democráticas contemporâneas, trabalha com autores neomarxistas, basicamente ela gira em torno disso. Entram autores como: Gaetano Mosca, Vilfredo Pareto, Robert Michels. Há também autores como Lênin, Gramsci. Sobre a visão democrática contemporânea, nós trabalhamos com Habermas, Carole Pateman, Helen Wood, trabalhamos com outros autores mais recentes. Às vezes entra Robert Dahl, às vezes não entra. Há uma variação muito grande. Isso é obrigatório.

O Pensamento Político Brasileiro (obrigatória, a partir das matrizes curriculares de 2011.1) centra sua atenção em temas candentes do pensamento político existente no Brasil: incorpora a problemática da centralização x descentralização, no Império; na Primeira República, foca no nacionalismo de Alberto Torres e Oliveira Viana. Depois, damos um pulo para os anos 1950, para trabalhar a problemática do nacional-desenvolvimentismo e do populismo. Aí, autores como Guerreiro Ramos, (Alberto Guerreiro Ramos) e Francisco Weffort entram na pauta (às vezes, Octávio Ianni também entra). Eu também nunca abro mão de uma discussão sobre a Revolução Brasileira. Normalmente, eu discuto textos de Nelson Werneck Sodré, de Caio Prado Júnior, de Luiz Werneck Vianna. São os autores principais. Discuto também a problemática da democracia recente, notadamente a problemática do golpe de 2016. Assim, autores como Leonardo Avritzer, Luís Felipe Miguel e Luciana Balestrin são contemplados. Além disso, há as disciplinas optativas: Partidos Políticos; Ideologia, Poder e Classes Sociais. Estas já foram ministradas por mim várias vezes. Havia uma boa demanda dos estudantes.

Talya Araújo: Professor Werber, qual é a sua relação com a Sociologia do Trabalho?

Werber Moreno: Esta relação é antiga. Faz parte da minha formação em nível de mestrado. Como disse, no início desta entrevista, já ministrei a disciplina algumas vezes aqui no Curso. É um dos esteios da minha formação. Em primeiro lugar, porque o trabalho é uma atividade fundamental no mundo social. Depois, foi e tem sido um tema abordado por diversos estudiosos, de diferentes épocas históricas. Desde os gregos antigos, até os dias atuais, o trabalho vem sendo estudado. O que isto significa? Se fizermos um recorte do ponto de vista histórico, no mundo grego, que é um mundo fundamental para nós do ponto de vista da filosofia e de todas as ramificações que derivam dela, temos o trabalho como objeto de reflexão. Não só na filosofia, também na mitologia, na poesia, o trabalho aparece. No campo da mitologia, o trabalho lindo, maravilhoso, de Ésquilo (2009), denominado *Prometeu acorrentado*, que mostra a problemática do trabalho, do trabalho como punição, como castigo (*ponos, ponosi*, para os gregos). Também em *O trabalho e os dias*, de

Hesíodo (1990), estão presentes a temática do trabalho. Eu gostaria de entrar no campo da filosofia e dizer que, na época de Aristóteles, o trabalho tem uma divisão tripartite, que nós poderemos chamar a atenção, por exemplo, para três palavras que nomeiam a problemática do trabalho, os afazeres do trabalho. Naquele mundo, temos a palavra *ponosi*, que tem como correspondente na língua latina a palavra *labor*. As pessoas normalmente pronunciavam “labor”, mas como o latim não tem as palavras com acento prosódico na forma oxítona, então, a palavra é *labor*. E, no fundo, tanto a *ponosi* como o *labor*, significam penalização, castigo. Energias vitais sendo despendidas pelo esforço físico, normalmente. Notadamente, no trabalho agrícola, no trabalho da lavoura, mas também no trabalho das minas, na pesca, em outras atividades que esse mundo antigo registrava. Uma segunda palavra, na língua grega, que vai qualificar o trabalho, e aí já é de um trabalho um pouco diferenciado, é um trabalho qualificado, é a palavra *poiesis* que tem o significado de criação, de uma produção qualificada, de uma produção artística. Há dispêndio de energia também, mas não no sentido de um trabalho dos outros, de um trabalho que é feito pelos outros. Porque no caso da *ponosi*, do *labor*, o que está em pauta é o trabalho escravo. Aristóteles frisa muito bem essa questão, é o problema do trabalho escravo. O trabalho escravo é um trabalho de labor, é um trabalho de dispêndio de energia, sem planejamento, sem pensamento do trabalhador, daquele que está executando. Na *poiesis*, não. Na *poiesis*, temos o planejamento. Aqui entra o trabalho do artífice, o trabalho do artesão, que é aquele que pensa, cumpre todas as etapas do trabalho, desde a escolha das matérias-primas, do material sobre o qual ele vai incidir, fazer, colocar a sua força de trabalho, cumprindo todas as etapas até o ponto final: a venda do produto feito ou a entrega do produto final a quem encomendou. Lá no mundo grego antigo, há uma terceira palavra para designar o trabalho: a palavra *práxis*. Ela tem a ver com o trabalho, mas com o trabalho intelectual, é um trabalho no campo do pensamento, é um trabalho no mundo da política. É o trabalho dos escribas, dos cidadãos que conduziam as assembleias. É um trabalho de natureza política. É também o trabalho do filósofo. Envolve reflexão. É um trabalho valorizado por aquela sociedade. Não é um trabalho produtivo, de um ponto de vista ontológico, como diria Karl Marx. É um trabalho que envolve ação e reflexão. É importante dizer que na língua latina, contra a palavra *labor*, que significa castigo, como eu já falei, existe uma outra palavra: *opus*. Ela vai dar origem à palavra obra, na língua portuguesa. Trabalho dos artistas, dos artífices, assim como a palavra *poiesis*, lá no mundo grego. Quero destacar também que no mundo ocidental, nas principais línguas, nos principais idiomas do mundo ocidental, sempre há duas palavras para fazer essa diferença. Essa diferença está lá no mundo antigo, como eu coloquei, na língua grega e na língua latina, mas também nas línguas ocidentais modernas. Em inglês, por exemplo, temos *labour* e *work*; em francês, *travailler* e *oeuvrer*; em italiano, *lavorare* e *operare*; em espanhol, *trabajar* e *obrar*. Em português, a palavra trabalho ou a palavra labor têm

essa dupla acepção, embora haja outras. O português tem uma variedade enorme, tem uma sinonímia enorme, em relação a essa palavra trabalho. Isto é parte da disciplina Sociologia do Trabalho, do modo como ela funcionou, sob a minha supervisão.

Talya Araújo: Professor, como a disciplina se desenvolvia?

Werber Moreno: O programa do curso sempre levava em consideração a discussão clássica da Sociologia sobre o trabalho. Me explico: por clássicos, entendemos Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber. Depois, passávamos para os temas relacionados ao desenvolvimento fabril do século XX: taylorismo e gerência científica, fordismo e produção em série e Toyotismo e trabalho flexível. Na sequência, discutíamos a reestruturação produtiva e seus desdobramentos: flexibilização, informalidade e precarização do trabalho. Além disto, focávamos na problemática do sindicalismo frente ao mundo do trabalho na contemporaneidade.

Talya Araújo: Professor, fale um pouco mais sobre os temas discutidos na disciplina.

Werber Moreno: Os temas, como já adiantei no outro bloco, são aqueles que constituem a espinha dorsal da disciplina: a visão dos clássicos da área sobre o trabalho; as formas de organização do trabalho; a reestruturação produtiva e seus desdobramentos e os dilemas do sindicalismo nos dias atuais.

Vale destacar que estes temas sempre foram desdobrados em microtemas, aproveitados pelos estudantes na forma de seminários.

Referências

- CARDOSO, Fernando Henrique. **Autoritarismo e democratização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **A democracia como valor universal**. São Paulo: LECH, 1980.
- ÉSQUILO. **Prometeu acorrentado**. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Tradução de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- MAQUIAVEL. **Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio**. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: EDUNB, 1994.
- MORENO, Werber Pereira. **Educação no contexto capitalista contemporâneo: as influências do pós-modernismo e do neoliberalismo sobre o currículo da escola pública**. São Paulo: Editora Dialética, 2023.
- WEFFORT, Francisco Corrêa. **Por que democracia?** São Paulo: Brasiliense, 1984.